

ARTURO PÉREZ-REVERTE

*O FRANCOATIRADOR
PACIENTE*

TRADUZIDO DO ESPANHOL POR

CRISTINA RODRIGUEZ E ARTUR GUERRA

ASA

NA CIDADE. 1990

Eram lobos noturnos, caçadores clandestinos de paredes e superfícies, bombers sem piedade que se moviam no espaço urbano, cautelosos, sobre as solas silenciosas dos seus ténis. Muito novos e ágeis. Um alto e outro baixo. Usavam calças de ganga e *sweatshirts* pretas para se camuflarem no escuro; e, quando se mexiam, nas mochilas sujas de tinta faziam tilintar as latas de aerosol com caps apropriados para graffiti rápidos e de pouca precisão. O mais velho dos dois tinha dezasseis anos. Tinham-se conhecido no metro há duas semanas, pelas mochilas e pelo aspeto, olhando-se pelo canto do olho até que um deles fez com um dedo, sobre o vidro, o gesto de pintar qualquer coisa. De escrever numa parede, num veículo, na porta metálica de uma loja. Rapidamente ficaram íntimos, procurando juntos espaços vazios ou pieces alheios em paredes saturadas, fábricas abandonadas nos subúrbios e instalações ferroviárias, vagueando com as suas latas até que vigilantes ou polícias os punham em fuga. Eram peões, simples infantaria. O nível mais baixo da sua tribo urbana. Párias de uma sociedade individualista e singular em que só se ascendia por mérito ganho individualmente ou em pequenos grupos, cada um impondo o seu nome de batalha com esforço e constância, multiplicando-o até ao infinito por todos os recantos da cidade. Eram dois jovens

recém-chegados às ruas, ainda com pouca tinta sob as unhas. Toys de throw ups, dito em gíria do género: writers novatos de tags repetidos em qualquer lado, pouco atentos ao estilo, sem respeitar nada nem ninguém. Dispostos a impor-se pelo cross indiscriminado, assinando de qualquer modo sobre peças alheios, desde que ganhassem reputação. Procuravam, em especial, obras de consagrados, de kings da rua; graffiti de qualidade onde escrever o seu próprio logo, o tag, a assinatura mil vezes praticada, primeiro num papel, em casa, e agora em qualquer superfície adequada que encontravam pelo caminho. No seu mundo feito de códigos, regras não escritas e símbolos para iniciados, onde um veterano costumava retirar-se perto de fazer vinte anos, um cross sobre um tag alheio era sempre uma declaração de guerra; uma violação de nome, território, fama de outros. Os duelos eram frequentes e era isso o que aqueles rapazes procuravam. Tinham estado a beber *Coca-Cola* e a dançar break até à meia-noite, e agora sentiam-se ambiciosos e ousados. Sonhavam com o bombing e queimar com a sua assinatura as paredes da cidade, os painéis das autoestradas. Sonhavam cobrir superfícies móveis tradicionais como um autocarro ou um comboio suburbano. Sonhavam com o graffiti mais difícil e cobiçado por qualquer writer de qualquer lugar do mundo: uma chapa. Uma carruagem de metro. Ou de imediato, à falta dela, abafar o tag de um dos grandes: *Tito7*, *Snow*, *Rafita* ou *Tifón*, por exemplo. Até mesmo, com sorte, os próprios *Bleck* ou *Glub*. Ou *Muelle*, o pai de todos eles.

– Ali – disse o mais alto.

Tinha parado numa esquina e apontava para a rua contígua, iluminada por um candeeiro que espalhava um círculo de luz crua sobre o passeio, o asfalto e parte da parede de azulejos de uma garagem com a porta metálica descida. Havia ali alguém, em frente da parede, em plena escrita, precisamente no limite da luz e da sombra. Da esquina só era possível vê-lo de costas: magro, aspeto de novo, uma *sweatshirt* felpuda com o capuz sobre a cabeça, a mochila aberta aos pés, uma lata na mão esquerda, com que preenchia de

vermelho um enorme *r*, sexta letra de um tag marcado com caracteres de um metro de altura e aspeto singular: um estilo bubble sombreado, simples e envolvente, contornado por um outline azul, grosso, onde parecia explodir, como uma pincelada ou um disparo, o vermelho de cada uma das letras que continha.

– Foda-se, foda-se – murmurou o rapaz alto.

Estava imóvel ao pé do seu colega, a olhar espantado. O que trabalhava na parede tinha acabado de dar cor às letras, e agora, depois de procurar no interior da mochila com o auxílio de uma pequena lanterna, empunhava uma lata de branco com que cobriu o interior do ponto da letra central, que era um *i*. Com movimentos rápidos em toques curtos e precisos, o writer preencheu o círculo e atravessou-o depois na vertical e na horizontal com duas linhas pretas que lhe davam um aspeto parecido com uma cruz celta. Depois, sem olhar sequer para o resultado final, inclinou-se para guardar a lata na mochila, fechá-la e pô-la às costas. O ponto do *i* tinha-se convertido agora no círculo do visor de uma mira telescópica, como a das espingardas.

O writer desapareceu pela rua abaixo, na escuridão, oculto o rosto sob o capuz. Ágil e silencioso como uma sombra. Foi então que os dois rapazes deixaram a esquina e caminharam para a parede. Ficaram uns instantes sob a luz do candeeiro, olhando para o trabalho acabado de fazer. Cheirava a tinta fresca, a escrita em condições. Para eles, o melhor cheiro do mundo. Cheiro a glória urbana, a liberdade ilegal, a fama dentro do anonimato. A jorros, bum, bum, bum, de adrenalina. Tinham a certeza de que nada cheirava tão bem como aquilo. Nem sequer uma rapariga. Nem um hambúrguer.

– Vamos lá – disse o rapaz baixo.

Era o mais novo dos dois. Tinha tirado uma lata da mochila para escrever sobre o piece acabado de pintar na parede. Disposto a um cross em condições; não uma, mas quantas vezes fosse possível. A um bombing implacável. Embora cada um deles tivesse o seu tag próprio – *Blimp*, o seu, *Goofy*, o do outro –, quando

estavam juntos utilizavam outro comum, *AKTF*: Adivinha Kem Te Fode.

O rapaz alto olhou para o companheiro, que sacudia a lata para misturar a tinta: Novelty preto de duzentos mililitros e cap estreito, roubado numa loja de ferragens. Bombing como eles faziam, com uma assinatura tosca repetida várias vezes, não precisava de qualquer sofisticação. A questão não era o logo ser bonito, mas que aparecesse em todo o lado. Às vezes, com tempo e calma, pensando num futuro mais ou menos imediato, tentavam graffs complexos com várias cores, sobre vedações meio caídas ou paredes de fábricas abandonadas. Mas aquele não era o caso. Tratava-se de uma incursão rotineira, de castigo massivo. Por nada.

O que empunhava a lata aproximou-se da parede com o dedo preparado, à procura de um lugar onde aplicar o primeiro cross. Acabava de se decidir pelo círculo branco situado sobre a letra central, quando o colega o agarrou por um braço.

– Espera.

O rapaz alto contemplava o piece ali pintado, cujo vermelho brilhante parecia rebentar à luz do candeeiro como gotas de sangue entre os contornos das letras. O seu rosto transparecia surpresa e respeito. Aquilo era muito mais que uma simples obra de writer comum. Era um trabalho a sério.

Impaciente, o mais novo ergueu de novo a lata, apontando para o círculo branco. Fervilhava de vontade de começar a tarefa. A noite era curta e inúmeras as presas a conseguir. Além disso, estavam há demasiado tempo num mesmo sítio. Isso tornava vulnerável a norma básica de segurança: escreve depressa e vai-te embora. A qualquer momento podia cair-lhes um guarda em cima, fazendo com que apanhassem pelo deles e pelo dos outros.

– Espera, já te disse – reteve-o o outro.

Continuava a olhar para a obra na parede, com a mochila às costas e as mãos nos bolsos. Parado e a balançar-se devagar sobre os pés. Pensativo.

– É bom – concluiu finalmente. – É altamente.

O companheiro mostrou estar de acordo com um grunhido. Depois pôs-se em bicos de pés, carregou no cap da lata e escreveu *AKTF* no círculo branco com uma cruz. Sobre a mira telescópica, de francoatirador, da palavra *Sniper*.

1. AS RATAZANAS NÃO DANÇAM SAPATEADO

Ao mesmo tempo que prestava atenção à proposta que ia mudar o sentido da minha vida, pensei que a palavra acaso é equívoca, ou inexata. O Destino é um caçador paciente. Certas casualidades estão escritas de antemão, como francoatiradores agachados com um olho no visor e um dedo no gatilho, à espera do momento certo. E aquele, sem dúvida que o era. Um de muitos falsos acasos planeados por esse Destino retorcido, irónico, amante de piruetas. Ou qualquer coisa assim. Uma espécie de deus caprichoso e impiedoso, mais brincalhão que outra coisa.

– Olha, Lex... Mas que coincidência! Ia ligar-te um destes dias.

Chamo-me Alejandra Varela, embora todos me chamem Lex. Há quem depois de pronunciar o meu nome acrescente uns adjetivos nem sempre agradáveis; mas estou habituada a isso. Curtida por dez anos de ofício e trinta e quatro de vida. A verdade é que os astros começaram a alinhar-se desde aquele momento, depois daquelas palavras, quando a voz educadíssima de Mauricio Bosque, proprietário e editor da Birnan Wood, soou atrás de mim na livraria do Museu Rainha Sofia. Eu tinha estado a dar uma vista de olhos às mesas de novidades, e agora ouvia-o atenta, sem manifestar entusiasmo nem indiferença. Com a cautela adequada para que o meu interlocutor não caísse na tentação de regatear os meus

honorários, se se tratava disso. Alguns empregadores estúpidos têm a tendência de confundir o interesse pelo nosso trabalho com a nossa disposição em levar menos dinheiro para o fazer. Mauricio Bosque, um rapaz fino, rico e esperto, estava longe de ser estúpido; mas, como qualquer outro com que eu lido no mundo da edição – ali todos ouvem cair uma moeda ao chão e dizem «minha» –, era capaz de recorrer ao mais pequeno pretexto desde que reduzisse os gastos. Já me fizera isso outras vezes, com o seu sorriso impecável e os seus casacos desportivos feitos à medida em Londres, ou onde os fizessem. Eu já estava a ver.

– Estás a trabalhar nalguma coisa agora?

– Não. O meu contrato com a Studio Editores caducou há um mês.

– Tenho uma proposta que te vai agradar. Mas não dá para falar sobre ela aqui.

– Dá-me uma pista.

Mauricio ia tocando nos livros, ajeitando um dos seus – *Ferrer-Dalmau: um olhar épico* – para que se destacasse mais no meio dos outros.

– Não posso – olhou para os lados com ar de conspirador trocista, demorando-se na jovem que atendia ao balcão. – Aqui não é o sítio certo.

– Dá-me só uma pitadinha, anda... Uma dica.

Fomos interrompidos pela chegada de um rebanho de adolescentes franceses, com muito barulho na língua de Voltaire: viagem de estudos, naturalmente. A culta França! É igual em todo o lado. Saí da livraria com Mauricio, abrindo passagem por entre uma barulhenta babel de outros jovens e de avozinhos aposentados que se agitavam no andar térreo do museu. No pátio interior, o céu coberto filtrava uma atmosfera cinzenta e via-se que a terra estava molhada da chuva recente. O pequeno café estava fechado, triste, com as cadeiras húmidas postas em cima das mesas.

– Estou a preparar um livro – disse Mauricio. – Grande, importante. Com derivações complexas.

- Tema?
- Arte urbana.
- É preciso mais, vá lá.

Mauricio contemplava o *Pájaro lunar* de Miró com ar pensativo, os óculos de estilo ligeiramente descaídos para a ponta do nariz, como se calculasse quanto dinheiro poderia sacar daquelas formas de metal arredondadas uma vez convertidas em ilustrações sobre papel impresso. Pois é esta a forma como o dono da Birnan Wood costuma olhar para as coisas e para as pessoas. A sua editora é uma casa de enorme êxito até nos tempos que correm, especializada em catálogos e livros de arte luxuosos e caros. Ou antes, muito luxuosos e muito caros. Resumindo: metes num motor de busca da Internet as palavras *editor* e *mega benzoca*, carregas na tecla Enter e sai a foto de Mauricio Bosque a sorrir de orelha a orelha. Apoiado num *Ferrari*.

– Sniper – disse ele.

Franzi os lábios e assobiei. Por dentro estava sem fôlego. Petrificada.

- Autorizado, ou sem autorização?
- Essa é a questão.

Assobiei outra vez. Uma rapariga nova que passava ali perto olhou para mim de lado, incomodada, dando-se por atingida. Claro que não me importava nada que ela se sentisse assim. Era bonita. Vi-a mover-se lânguida, consciente dos meus olhos, vagamente escandalizada, enquanto se afastava pelo pátio.

– E o que tenho eu a ver com isso?

Mauricio olhava agora para o enorme móbile de Calder que está no centro do pátio. Manteve-se assim, com o olhar fixo nele, até que o cata-vento vermelho e amarelo deu uma volta completa sobre o seu eixo. Por fim, inclinou um pouco a cabeça ao mesmo tempo que encolhia os ombros.

- És a minha *scout* predileta. A minha exploradora intrépida.
- Não me dês graxa. Significa que desta vez tens intenção de me pagar pouco.

– Pois enganas-te... É um bom projeto. Bom para todos.

Pensei uns segundos. O Destino piscava-me o olho sentado sob o móbile de Calder. Em gíria editorial, um *scout* é alguém encarregado de localizar autores e livros interessantes. Uma espécie de olheiro culto, qualificado e com bom olfato: alguém que frequenta feiras internacionais de livros, folheia os suplementos literários, toma o pulso das listas de mais vendidos, viaja em busca de novidades interessantes e coisas assim. Sou especializada em arte moderna, e já tinha trabalhado antes para a Birnan Wood, assim como para a Studio Editores e Aschenbach, entre outra gente de peso. Eu proponho-lhes livros e autores, ou são eles que me propõem localizá-los. Assino um contrato temporário exclusivo, trabalho duramente e recebo por isso. Com o tempo, consegui uma boa reputação na profissão, uma agenda cheia, contactos e clientes numa dúzia de países – os editores russos, por exemplo, adoraram-me. Resumidamente, não me saio mal. Sou sóbria, de poucos gastos. Vivo sozinha, até quando não estou. Vivo disso.

– Pelo que sei de Sniper – aventurei com cuidado –, esse tipo pode até encontrar-se no planeta Marte.

– Sim – Mauricio sorria de lado, quase cruel. – E é se quer que não lhe aconteça nada.

– Explica-me lá isso – disse eu.

– Porque é que não passas um destes dias pela editora?

Franzi as sobranceiras, ainda que só por dentro. Por fora esgriumi um sorriso triste, conveniente. Não era a mesma coisa estar no seu terreno – um escritório envidraçado imenso que parecia flutuar como um dirigível sobre o passeio da Castellana – e num sítio neutro onde ele não pudesse olhar por cima do ombro, como se de vez em quando se esquecesse de mim, o esplêndido Beatriz Milhazes pendurado numa parede do seu gabinete. Preferia negociar privando-o de toda a vantagem, longe daqueles incómodos móveis de vidro, plástico e aço, prateleiras cheias de livros caríssimos e flexíveis secretárias de úberes operados.

– Irei demorar algum tempo – menti, tasteando. – Tenho algumas viagens previstas.

Quase conseguia ouvi-lo a pensar. Não o conteúdo, claro; mas o procedimento. Para minha surpresa, cedeu com insólita rapidez.

– E se te convidar para almoçar? – concluiu.

– Agora?

– Claro. Agora.

O restaurante era japonês ou asiático. Shikku, chama-se. Quase na esquina de Lagasca com Alcalá em frente ao Retiro. Mauricio desvela-se por este género de sítios. Não me lembro de alguma vez ter comido com ele num restaurante normal, europeu, de sempre. Têm de ser caríssimos e de estilo, mexicanos, peruanos ou japoneses. Estes últimos agradam-lhe muito porque lhe dão a oportunidade de pedir *sushis* e *sashimis* com nomes exóticos e de se mostrar hábil no manejo dos pauzinhos – eu peço sempre um garfo – ao mesmo tempo que nos explica a diferença entre o peixe cru cortado à maneira de Okinawa e à de Hokkaido. Ou qualquer coisa assim. Isso seduz as mulheres, comentou ele uma vez com umas algas penduradas nos pauzinhos, no Kabuki. «Bom, Lex», aqui entrepôs um sorriso diplomático depois de meditar uns instantes, a olhar para mim. «Refiro-me a um certo tipo de mulheres.»

– Diz lá, então – sugeri eu quando nos instalámos numa mesa.

Disse-me o que era. Por alto e em grandes traços, com breves pausas para observar o efeito. Para verificar se o isco baloiçava de forma adequada diante dos meus olhos, fazendo-me salivar. E, sim, claro. O projeto teria estimulado as glândulas de qualquer um. Disse-lhe isso. Também era de uma realização quase impossível, e também lho disse.

– Ninguém sabe onde Sniper está – resumi.

Pela maneira como Mauricio verteu um pouco de saquê quente no meu copinho, percebi que ele tinha um trunfo na manga. Eu já disse antes que o editor da Birnan Wood está longe de ser estúpido.

– Tu consegues. Conheces as pessoas adequadas, e as pessoas adequadas conhecem-te a ti. Pago-te todas as despesas e tens quatro por cento do primeiro contrato.

Desatei a rir na cara dele. Sou raposa velha.

– Isso é como se me oferecesses uma parcela no circo de Hiparco. Perderemos o tempo.

– Ouve – erguia um dedo, admonitório. – Nunca ninguém publicou um catálogo completo desse tipo. Uma grande obra em vários volumes, os que forem necessários. Uma coisa monumental. E não só isso.

– Está escondido há quase dois anos, com a cabeça posta a prémio. Literalmente.

– Já sei. Estamos a falar do artista mais famoso e mais procurado da arte urbana, a meio caminho entre Banksy e Salman Rushdie... Uma linda viva e essa treta toda. Mas também não se deixava ver muito, antes disso. Em mais de vinte anos, desde que começou como simples writer, quase ninguém lhe viu a cara... Marca registada e pronto: Sniper. O francoatirador solitário.

– Mas agora querem matá-lo, Mauricio.

– Ele procurou isso – ria, malévolo. – Que dê o peito.

Era uma bonita expressão: dar o peito. Imaginei Sniper a dar o peito.

– Nunca conseguirei encontrá-lo – concluí. – E no caso improvável de o conseguir, ele mandava-me dar uma volta.

– A oferta que lhe fizeres é de bar aberto pela minha parte. Ele que ponha as condições. E eu consagro-o para sempre e faço entrar a sua obra no círculo dos deuses, a par com os outros.

– Tu sozinho?

Pensou um momento. Ou fez como se pensasse.

– Sozinho nem pensar – concedeu. – Tenho por trás pessoas com muito dinheiro: galeristas britânicos e norte-americanos, dispostos a investir nisto como quem investe num negócio enorme.

– Por exemplo?

– Paco Montegrifo, de Claymore... E Tania Morsink.

Abanei a cabeça, impressionada.

– A rainha da arte pirosa nova-iorquina?

– Essa. E com somas espantosas, garanto-te. Um plano a médio e a longo prazo do qual esse catálogo será só o aperitivo.

Agora era eu quem meditava por instantes.

– Nem sonhes – disse eu. – Vai negar-se a aparecer em público.

– Não tem de dar a cara. Pelo contrário. O seu anonimato intensifica a sedução da personagem. A partir daí, Sniper será história da Arte. Vamos coordenar isso com uma retrospectiva monstruosa num sítio dos grandes: a Tate Modern, o MoMA... Iremos a quem oferecer melhor preço. Eu já mexi alguns cordelinhos e tenho-os todos quentes. Tratando-se dele, dariam tudo por tudo. Imagino a cobertura. Acontecimento mundial.

– E porquê eu?

– És muito boa – estava a passar-me a mão pelo pelo, o espartinho. – A pessoa mais séria com quem trabalhei e ando há uma vida inteira nisto. Também tens condições especiais para te aproximares dele. Para lidar com o assunto. Não me esqueci que a tua tese de doutoramento foi sobre arte urbana.

– Graffiti.

– Sim, isso. Conheces o que significa ter tinta nas mãos e *sprays* na mochila. A forma como entrar com essa gente.

Fiz uma expressão opaca. Conheces, dissera Mauricio. E nunca saberia o quanto andava perto da verdade. Pensei nisso enquanto picava um *niguirí*, ou lá como se chama, com o garfo. Tantos passeios – ainda fazia isso às vezes, quase sem me aperceber – olhando para as paredes entre montras e portas de edifícios, onde os escritores urbanos deixavam marcas da sua passagem. Recordando e recordando-me. Quase todas eram simples tags a marcador com pressa e pouca arte, mais quantidade que qualidade, dos que fazem os moradores e comerciantes ficar aos gritos e a Câmara torcer o nariz. Só raramente alguém com mais tempo ou ténpera se tinha empenhado a fundo com a lata de tinta; e o tag, ou a caligrafia deste, abarcava mais espaço ou recorria à cor. Algumas semanas atrás, passeando por uma rua perto do Rastro, tinha-me chamado a atenção algo especialmente conseguido: um guerreiro manga cuja espada de samurai ameaçava os utilizadores de uma caixa automática ali próxima. E eu tinha continuado a olhar para os graffiti

– tags, tags, tags, um desenho pouco original, a críptica afirmação *Sem dentes não há cáries* – até que me apercebi de que, como noutras alturas, procurava entre eles o tag de Lita.

– Não posso garantir-te nada – disse eu.

– Não há problema... Dominas o teu ofício, tens a minha confiança. És perfeita.

Mastiguei devagar, avaliando os prós e os contras. O Destino fazia-me novas caretas, sentado agora atrás do balcão, no ombro do cozinheiro japonês que, com uma fita de *kamikaze* atada na testa, cortava filetes de atum vermelho. O Destino, pensei, gosta de partidas e de peixe cru.

– Biscarrués vai atirar-se a ti – concluí. – Como um lobo.

– Desse ocupo-me eu. Não tenho tanto dinheiro como ele, mas conto com os apoios suficientes. E como te disse, não estou sozinho nisto. Saberei cuidar de mim. E de ti.

Eu sabia de sobra que acautelar-se em relação a Lorenzo Biscarrués não era tão fácil como Mauricio dava a entender. O dono da cadeia de lojas de roupa Rebecca's Box – meia centena em quinze países, 9,6 milhões de lucros no último ano segundo a lista Bloomberg, uma fábrica têxtil que desabara na Índia com trinta e seis mortos que ganhavam dez cêntimos de euro como salário diário – era um indivíduo perigoso. E mais desde que um dos seus filhos, Daniel, de dezassete anos, tinha escorregado de madrugada num telhado cuja cobertura de titânio mate e aço cromado tinha nesse ponto uma inclinação de quarenta e cinco graus; e depois de uma queda livre de setenta e oito metros estatelara-se na rua, exatamente diante da porta larga, elegante e envidraçada do edifício. Este era um lugar emblemático da cidade, com assinatura de arquiteto de vanguarda, propriedade da fundação presidida pelo próprio Biscarrués, destinada à exposição temporária de coleções importantes de arte moderna. A inauguração, que tivera lugar dois dias antes com uma retrospectiva dos irmãos Chapman e notável impacto social nos ambientes adequados, tinha sido qualificada pela imprensa como *acontecimento cultural de primeira ordem*. Depois da queda